

FORMAÇÃO PERMANENTE DOS EDUCADORES/AS: O DESAFIO DA PESQUISA

Sérgio Trombetta¹
Jaime José Zitkoski²
Luís Carlos Trombetta³

Introdução

A tese que perpassa o texto é a seguinte: ser professor no contexto atual implica desenvolver a cultura da formação permanente, a autonomia investigativa e a pesquisa que qualifica o fazer pedagógico. Aprender é mais difícil que ensinar; só é capaz de criar ambientes de aprendizagem quem se coloca como aprendiz sendo capaz de inovar e produzir nos estudantes essa postura investigativa. Só quem está encantado pelo aprender a cada dia novas formas de ver e pensar o mundo, a realidade em sua complexidade sem fim, produzirá nos outros a curiosidade e a paixão pelo aprender tendo a pesquisa como prática cotidiana. A capacidade de aprender autonomamente é fundamental; aprender a ser aprendente ao longo da vida. Neste sentido, valoriza-se a curiosidade intelectual e a capacidade de recriar o conhecimento. Como afirma Gadotti (2013, p. 32), a educação ao longo de toda a vida implica ensinar a pensar, saber comunicar-se, saber pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer síntese e elaborações teóricas, saber organizar o seu trabalho, ter disciplina para o trabalho, ser independente e autônomo, saber articular o conhecimento com a prática, ser aprendiz autônomo e a distância... enfim, adquirir os instrumentos necessários para continuar aprendendo sempre. É incapaz de construir projeto pedagógico próprio quem não dispõe da habilidade mais importante da era do conhecimento que é a arte de produção própria que passa necessariamente pela formação permanente e pela pesquisa. A dimensão mais importante da vida acadêmica é constituída pela pesquisa, como princípio científico e educativo, como estratégia de geração de conhecimento pertinente e de promoção da cidadania política comprometida com uma cultura humanizadora. Pesquisa é a atitude de aprender a aprender o que exige competência, curiosidade e renovação incessante.

¹ Professor de Filosofia da UNISINOS e Ética na FACCAT Doutorando em Filosofia na PUCRS

² Professor de Filosofia da Educação na FACED- UFRGS. Pesquisador no PPG em Educação da UFRGS. Mestre em Filosofia/PUCRS e Doutor em Educação na UFRGS.

³ Professor na FACCAT e na UCS. Secretário de Educação de Igrejinha, RS.

É nesta lógica que pretendemos desenvolver algumas reflexões sobre o lugar da pesquisa na formação continuada dos/as professores/as tendo como referência a obra de Paulo Freire: *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* e as discussões no campo da filosofia da educação relacionada com os cursos das licenciaturas. Nessa perspectiva, a temática da *formação docente* é central nesse texto. Em toda obra de Freire está presente a ideia de que o rigor científico e a coerência ética são inseparáveis. É parte da ética profissional assumir a formação permanente como desafio e compromisso político. O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. Na visão de Freire (1997), “não há docência sem discência; pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Ensinar, aprender e pesquisar são indicotomizáveis”. Faz parte da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa, o desejo de inovar, criar e recriar o conhecimento. “A relação entre pesquisar/educar é íntima e intensa. Ambos os processos se complementam e instrumentalizam uma prática educativa ética” (Albuquerque, 2001, p. 230).

Os professores devem ser para seus educandos exemplos vivos da pesquisa e da formação continuada, pois dessa forma irão influenciar positivamente os mesmos na busca do conhecimento autônomo. O ensino é inseparável da pesquisa e da formação continuada, da disposição para inovar. Educar, ensinar e pesquisar é buscar a qualidade da educação; é desenvolver a capacidade de questionar, é o princípio educativo que desenvolve a autonomia crítica e a cidadania. Para Arouca (2001), pesquisa é princípio educativo e, na correlação entre educação e cidadania, baseia-se a formação crítica, a capacidade de tomar iniciativas, habilidade criativa e organizativa. Educar, ensinar e pesquisar é buscar a qualidade na educação, é construir a capacidade de questionar, é ato político, e seu sentido pleno está na prática alternativa, razão pela qual o questionamento científico é a base da construção, enquanto o questionamento político é a base da participação. Pesquisa não é apenas aquela que se aprende no nível da educação institucional, não são títulos, nem publicações, mas é a atitude cotidiana do aprender a aprender, do saber pensar para melhor agir; a educação é um processo permanente; pesquisa é uma atitude que deve ser cotidiana.

Não é possível desenvolver uma educação de qualidade nos dias atuais sem a disposição para a pesquisa e a aprendizagem permanente, pois só assim é possível desafiar os educandos para a atualização constante de sua formação teórica através de um conhecimento atualizado, inovador, com eficácia política. A essência da educação emancipatória está na formação continuada com base na pesquisa e na capacidade de desenvolver conhecimento próprio. O educador/a precisa ter consciência que sua formação nunca está concluída. Só ensina quem mantém a curiosidade para novas aprendizagens. Nesse sentido, “Pedagogia da

Autonomia: saberes necessários à prática educativa” é um livro que sintetiza os princípios educacionais freireanos, seus modos de pensar e fazer educação, seus ensinamentos sobre “o pensar certo” que devem orientar as práticas educativas, cuja utopia norteadora é a produção da existência humana digna, justa e solidária. Pesquisar faz parte da própria natureza da prática docente. É de fundamental importância que o educador se perceba e se assuma como professor e pesquisador.

“A proposta de uma pedagogia libertadora representa o encontro ético entre o ensinar e o aprender, entre educadores e educadoras, educandos e educandas, em constante processo de aprendizagem, de leitura crítica do mundo, de um compartilhar de princípios e ações, de um compromisso educativo que faz de cada intervenção/transformação um passo para a liberdade” (Albuquerque, 2001, p. 219, 220).

Ser professor(a) no atual contexto é viver intensamente o seu tempo com consciência crítica, compromisso político e sensibilidade solidária; é aceitar o desafio da formação continuada o que exige disposição para a leitura e o exercício da autoria. Ninguém está plenamente formado ou preparado com uma bagagem de conhecimentos suficientes para toda a vida. Precisamos renovar, atualizar nossos saberes constantemente. Aprender ao longo de toda a vida, ser pesquisador apaixonado é condição para o(a) educador(a) exercer com eficácia o seu trabalho e indispensável para o exercício de uma cidadania ativa. Aprender é uma aventura infinita, por isso, é preciso saber preservar a capacidade permanente de aprender ao longo da vida. “Viver e não ter a vergonha de ser um eterno aprendiz...” Na ótica de Assmann (2000), os analfabetos de amanhã não serão os que não sabem ler; serão os que não tiverem aprendido a aprender. Nesse sentido, o pior analfabetismo é a falta de curiosidade de aprender. Aprender a aprender é manter acesa a curiosidade. O mero ensinar, ou a mera entrega de saberes supostamente prontos, anula a curiosidade. É neste ponto que a escola mais peca: ela atrofia a curiosidade e a criatividade, em vez de alimentá-las. Na sociedade do conhecimento é imprescindível saber pensar, aprender e inovar constantemente. A elaboração própria, a reconstrução do conhecimento torna-se o impulso central para gerar a autonomia crítica. Cada vez mais, o direito à vida se confunde com o direito de aprender.

1 Ser aprendiz ao longo da vida

Diante dos novos desafios postos pela complexidade da sociedade em seu atual estágio de economia globalizada (com novas tecnologias e redes sociais complexas), marcado pelas

constantes mudanças e pela imprevisibilidade, a formação ao longo da vida surge como um imperativo inquestionável. Esta nova configuração cultural exige do professor a consciência de que sua formação nunca está concluída. Devemos assimilar que as profundas mudanças provocadas pela era da globalização, impõe novos desafios aos educadores e educandos. Frente a um mundo onde o conhecimento inovador ocupa lugar central para o desenvolvimento individual é coletivo, é essencial desenvolver a capacidade de aprender autonomamente, de manter-se curioso, recriar o conhecimento com eficácia social e política é fundamental. É preciso aprender a estudar criticamente a partir da pesquisa, a investigar, a continuar a formação de modo autônomo. Pois, “a rápida evolução dos conhecimentos exige de todos uma permanente aprendizagem individual e coletiva. O conhecimento tornou-se e tem de ser um bem comum. A aprendizagem ao longo da vida, um direito e uma necessidade”(Alarcão, 2005, p. 16)

A formação permanente exige o aprender a aprender (Demo, 1995), aprender a ser educando ao longo da vida, assumir a condição de pesquisador, através da autonomia investigativa. O saber pensar e o aprender a aprender deixam de ser fatores apenas técnicos, para expressarem a competência humana como tal, de fundo político eminente, já que se trata de formação do sujeito capaz de história própria. Professor não é quem dá aula, mas quem sabe fazer o estudante aprender e manter-se curioso. Os estudantes aprendem a pesquisar se o professor for um exemplo vivo de pesquisa e aprendizagem permanente.

Um dos desafios de ser professor hoje é lutar por políticas de valorização profissional que contemple o tempo para estudos, pesquisa qualificada e participação em eventos formativos. Estas condições de trabalho são aspectos importantes da nova cultura do ser professor como projeto de vida, mas também como estratégia política na construção de sujeitos que exerçam ativamente sua cidadania.

“Um processo de formação de qualquer profissional não está terminado porque já alcançou um diploma para desempenhar uma profissão. Necessita, ao mesmo tempo, capacidade para seguir as mudanças sociais e culturais e capacidade para contribuir, inclusive, para o seu desenvolvimento. Por isso, o aperfeiçoamento profissional do educador é tão necessário e, talvez mais, do que se realiza em qualquer profissão”(Triviños, 2001, p. 43).

Ser professor é gostar de estudar, é dar sentido ao seu fazer, é manter-se sempre curioso e inquieto, pois ensinar exige saber pesquisar, criar algo novo e não apenas seguir o roteiro pronto do livro didático. Portanto, “a formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e

construção teórica e não como mera aprendizagem de novas tecnologias, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas invenções tecnológicas (Gadotti, 2003, p. 31). A capacidade de continuar aprendendo ao longo da vida profissional de modo autônomo é essencial para o/a professor/a comprometido ético e politicamente com seu papel na sociedade atual. Não há contradição maior que pensar um educador/a que não tenha disposição para a aprendizagem, para o estudo, enfim, para pesquisa. A qualidade da educação depende em primeiro lugar da capacidade dos professores renovarem/atualizarem os seus conhecimentos.

Pensar a formação continuada do professor significa pensar sua postura crítica sobre sua prática e ao mesmo tempo sua formação ético político. Além disso, é urgente incluir nas políticas públicas direcionadas para a educação recursos financeiros e tempo destinado a formação dos professores. A educação é o espaço da formação integral do ser humano, de resistência contra todas as formas de negação do humano, e também, o lugar de esperança nas possibilidades humanas. “Julgo ser a formação continuada uma demanda pautada na necessidade permanente de uma prática pedagógica qualificada. A prática de formação docente continuada mostra-se positiva, levando em conta que trata de deixar os docentes em dia com as atualizações da prática. Investir, pois na formação continuada de docente é investir no professor, que se faz e se refaz a cada dia em sua prática pedagógica. É viabilizar momentos coletivos – forjas da identidade de grupo – e momentos em que se privilegie o cotidiano – o campo de atuação do professor. É, em suma, investir na autoria, no protagonismo, do professor, nas suas possibilidades de atuação intelectual, não mero tarefeiro. Afinal, a formação é condição e estatuto para a docência” (Esquinsani, 2009, p. 373).

Para manter a curiosidade, o desejo de aprender, precisamos gostar do que fazemos, trabalhar com alegria e prazer, mas sem renunciar, é claro, a postura crítica, o pensar politicamente comprometido. Tal postura exige dos educadores a vigilância para não se desencantarem com o que fazem, mas acreditarem sempre nas possibilidades humanas e também na abertura da história para o novo, para o inédito viável.

A complexidade da sociedade atual no contexto da globalização requer uma enorme capacidade crítico-hermenêutica para compreendermos o grande número de informações que recebemos todos os dias. Ajudar para que todos possam entender, interpretar com clareza, discernir a sociedade atual e seus movimentos é uma das tarefas da educação. Sem o compromisso, a responsabilidade da compreensão da sociedade que estamos inseridos, a educação perde seu sentido eminentemente político (Freire, 2006). É necessário transformar a informação em conhecimento, compreensão. Nessa perspectiva, um dos desafios da educação

é a compreensão crítica de mundo e a interpretação da realidade para desenvolver a capacidade de organizar a informação em consciência crítica que visa a inserção da pessoa como sujeito capaz de história própria. Outro grande desafio é transformar a informação em conhecimento prudente, pertinente, com sentido ético e político. Ou como no diz Santos (2008), “necessitamos de um conhecimento prudente para uma vida decente”. E, nesse horizonte, precisamos contribuir, enquanto educadores, para a apreensão crítica do tempo presente e, assim, oportunizar algumas chaves de leitura de nosso mundo atual. Pois,

“Compreender o mundo, compreender os outros, compreender a si e compreender as interações que estes vários componentes estabelecem (...) é o alicerce da vivência da cidadania. É através da compreensão que nos preparamos para a mudança, para o incerto, para o difícil” (Alarcão, 2005, p. 23, 24).

Para intervir com coerência e responsabilidade no mundo, é necessário compreender a complexidade das sociedades nas quais nos encontramos inseridos. Na sociedade do conhecimento em que hoje vivemos, onde o desafio da aprendizagem é permanente, o/a professor/a é convocado a viver intensamente sua formação continuada. Estar à altura do tempo em que vivemos significa ser vigilante em relação à qualificação pedagógica e política. No contexto da informação, do conhecimento e da aprendizagem é impensável um educador que não leva a sério a sua formação continuada e permanente. Podemos dizer que mais do que nunca a formação ao longo da vida do/a professor/a é parte constitutiva de sua ética profissional. Pensamos que a luta política do professor por melhores condições salariais e pela valorização profissional é justíssima. Mas, quem deseja defender seu lugar de trabalho e sua dignidade profissional, conquistando o apoio da opinião pública para suas reivindicações, precisa manter a competência a partir da constante busca de qualificação profissional e inserção crítica no mundo.

Portanto, o professor não pode perder a criatividade intelectual e a curiosidade epistemológica, pois a curiosidade é o melhor recurso para a inovação. Na sociedade da informação e do conhecimento.

“Valoriza-se a curiosidade intelectual, a capacidade de utilizar e recriar o conhecimento, de questionar e indagar, de ter um pensamento próprio, de desenvolver mecanismos de auto-aprendizagem. Mas também a capacidade de gerir a sua vida individual e em grupo, de se sentir responsável pelo seu desenvolvimento constante, de lidar com situações que fujam à rotina, de decidir e assumir responsabilidades, de resolver problemas, de trabalhar em colaboração, de aceitar os outros” (Alarcão, 2005, p. 24).

Só é capaz de oportunizar experiências significativas de aprendizagem quem é capaz de aprender sempre, inovar, produzir conhecimento através da pesquisa e de um processo que contemple a autonomia investigativa. Aprender não é um problema posto somente ao estudante, mas em primeiro lugar para o próprio professor. O professor deve ser exemplo de formação permanente. Saber aprender, pesquisar, inovar é condição para fazer os outros aprenderem. A formação dos educadores é decisiva para a aprendizagem dos estudantes, pois, se enquanto professores não desenvolvemos a atitude de aprender por conta própria, se não temos autonomia investigativa, certamente não conseguiremos ensinar ou criar espaços de aprendizagem. É através da pesquisa que nos tornamos sujeitos do próprio conhecimento e conquistamos a autonomia crítica. O ensinar pela pesquisa contribui de modo significativo para formar sujeitos com pensamento próprio, repelindo desse modo a reprodução alienada. Por isso, a pesquisa deveria fazer parte dos currículos escolares em todas as etapas de formação.

“Nós postulamos o ensino como pesquisa desde a educação infantil. Entendemos que pesquisar é pensar, refletir sobre determinadas realidades. Pensar é libertação individual e coletiva. É a possibilidade, pensando sobre nossa realidade, de elaborar um conhecimento próprio, colocar os fundamentos de nossa própria cultura nacional que começa nas escolas e nas comunidades, e que regressa sistematizada, depois de processos de aperfeiçoamento realizados coletivamente, à escola e à comunidade”(Triviños, 2003, p. 12).

Quem ensina precisa manter a abertura para aprender melhor o que já sabe e conhecer o que ignora. Ensinar inexiste sem o aprender. A docência é inseparável da pesquisa. Ensinar com sentido e teor político emancipatório exige um investimento muito grande do professor na pesquisa. Como reforça Freire, (2006, p. 32) “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

O profissional da docência precisa assumir sua condição de pesquisador, pois esta é fundamental para o professor, é o que garante o movimento dinâmico entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Não há docência sem a reflexão crítica sobre a prática. A reflexão crítica sobre a prática é indispensável para mantermos um fazer pedagógico coerente e com sentido. É pensando criticamente a prática que se pode melhorá-la.

“A pesquisa não é para nos dar certezas, mas para possibilitar o questionamento de “verdades” já instaladas e abrir novas alternativas de busca. A pesquisa, que

problematizando o mundo e a minha existência no mundo, me possibilita assumir a minha presença como educador e educadora, também me faz reverenciar as perguntas que meus alunos e minha alunas fazem e compartilhar com eles esta bela e fascinante aventura que é conhecer” (Albuquerque, 2001, p. 231).

2 Educação de Qualidade e Pesquisa

Se quisermos melhorar a qualidade da educação é urgente transformar o espaço-tempo da escola a partir da perspectiva da pesquisa. Não há formação docente autêntica separada da curiosidade epistemológica, da pesquisa e da formação continuada. Para alcançarmos um pensar rigoroso e crítico que nos permite ir lendo cada vez melhor o mundo, precisamos cultivar o *ethos*¹ da pesquisa e da inovação.

“Aprender de forma independente e por conta própria tornou-se hoje um componente fundamental da experiência de aprendizagem. É preciso levar as pessoas a desenvolver o gosto de estar aprendendo através da curiosidade prática de experimentar dizer algo por escrito, gravar uma frase própria (...). Aprender com curiosidade a aprender – é o despertar do prazer de conhecer, de compreender, de descobrir, construir e reconstruir o conhecimento, ter curiosidade. É habilidade a ser desenvolvida sempre, ao longo de toda a vida, a fim de compreender o mundo, a sociedade, o movimento de ideias; é a busca do conhecimento” (Assmann, 2004, p. 38, 39).

A escola, então, precisa ser transformada em um espaço de construção do conhecimento voltado para a vida, para o aprendizado que nos faz viver de modo mais intenso e alegre; para o desenvolvimento de um pensamento político e cidadão. “As aprendizagens na sociedade emergente terão de desenvolver-se de uma forma mais ativa, responsável e experienciada ou experiencial, as quais façam apelo a atitudes mais autônomas, dialogantes e colaborativas em uma dinâmica de investigação, de descoberta e de construção de saberes alicerçada em projetos de reflexão e pesquisa, baseada em uma ideia de cultura transversal que venha ao encontro da interseção dos saberes, dos conhecimentos, da ação e da vida”(Alarcão, 2001, p. 104).

No processo de construção do conhecimento é essencial que professores e estudantes se assumam como pesquisadores, mantendo a curiosidade epistemológica. Um dos grandes desafios do educador é manter-se curioso e estimular a curiosidade, a capacidade de fazer perguntas, a inquietação, a reflexão crítica, o desejo de aprender no educando.

“Um dos saberes fundamentais à minha prática educativo-crítica é o que me adverte da necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de

sua classe. A incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor” (Freire, 2006, p.99, 103).

A tarefa da educação escolar e universitária não é só ensinar, mas desenvolver a cultura da pesquisa. Fazer com que cada estudante seja arquiteto do seu próprio saber. Não posso pesquisar para o aluno. Enquanto educador, preciso, sim estimulá-lo, incentivá-lo a fazer a sua leitura do mundo, a elaborar a sua compreensão da realidade. O professor não pode apenas ensinar, mas ele precisa pesquisar e ensinar seus alunos através da pesquisa, renovar seus conhecimentos. Os educadores não devem repetir o conhecimento já elaborado apenas fazendo os alunos assimilarem passivamente os conteúdos. O aprender a aprender deve ser o cerne da atitude de pesquisa e da elaboração própria do conhecimento. Pois,

“A pesquisa como atitude significa princípio científico e educativo, ou seja, base da produção científica e base da educação ancorada no manejo e produção de conhecimento. Faz parte de todo processo educativo emancipatório, porque fundamenta a postura crítica e criativa diante da realidade e leva a intervir nela com base no conhecimento renovado e renovador. Pesquisa na criança significa o despertar e o motivar da atitude de questionamento, de criatividade via manifestação lúdica, de curiosidade crítica, de postura de sujeito” (Demo, 1995, p. 213).

A pesquisa não é um fim em si mesmo. Seu objetivo é produzir conhecimentos, saberes que visam melhorar nossa intervenção, nosso agir sobre a realidade. “Pesquisa é a competência metodológica de questionar a realidade, dialogar crítica e criativamente com ela, para melhor intervir na prática” (Demo, 1995, p. 236).

A educação na visão de Freire é um processo de produção e reconstrução do saber. Aprender é uma aventura criadora, é construir e reconstruir o conhecimento. Neste movimento de reconstrução do conhecimento é imprescindível pesquisar, manter-se curioso frente ao mundo e a história. É a curiosidade que contribui para o desenvolvimento do rigor crítico e a ter consciência que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção através da pesquisa, da investigação dos sujeitos envolvidos no processo.

“Hoje a educação não deve ser mais entendida como transmissão de conhecimentos e saberes prontos. A educação, aliás, nunca foi boa quando foi apenas instrução, transmissão de saberes. Educar significa criar experiências de aprendizagem e não transmitir coisas já prontas, saberes já supostamente definidos. Ninguém aprende se não cria junto com aquele que ensina o conhecimento. Aprender significa construir experiências de aprendizagem. O fruto da escola deve ser o aprender a aprender, aprender a acessar formas de aprender. A prender a fazer experiências de aprendizagem” (Assmann, 2000, p. 293).

Mais importante do que saber é não perder o prazer, o encanto de aprender ao longo de toda a vida. O educador precisa ter tempo para refletir, pesquisar, elaborar seu próprio conhecimento. Ele precisa assumir-se, na sua formação permanente, como pesquisador. Um dos grandes desafios do/a professor/a no exercício pedagógico e político de sua profissão é desenvolver a atitude investigativa, a cultura da pesquisa e fazer da pesquisa o centro de todo o processo educativo. A escola deve tornar-se um espaço de formação para a pesquisa, um lugar de aprendizagem permanente. Só assim a escola fará justiça a seu papel de instituição formadora e não meramente de adaptação das pessoas a lógica do sistema. O ambiente pedagógico tem que ser lugar de ternura, prazer e reinvenção personalizada do saber através da pesquisa participativa.

3 Professor pesquisador

Um dos grandes entraves para a transformação de uma cultura pedagógica centrada no ensino e que relega a pesquisa como atividade de alguns – os intelectuais, ou pesquisadores - é o modelo de formação docente ainda hegemônico nos cursos de formação de professores. Mas, apesar de muitas dificuldades, há alguns horizontes que nos dão esperança na possibilidade de transpor a pedagogia tradicional e, gradativamente, alcançarmos uma pedagogia crítica-problematizadora, que prioriza a pesquisa da realidade como questão central na educação em todos os níveis de ensino.

Nessa perspectiva, apontaremos abaixo algumas condições necessárias para que todo professor possa constituir-se como pesquisador. São saberes necessários que poderão ir se consolidando na própria experiência docente, sem contudo estarem garantidos já na formação inicial (acadêmica, apenas):

3.1 Humildade: é um saber em que cada professor se dispõe a aprender com os outros e, sobretudo, com seus alunos. Pois, sem humildade não é possível a abertura do ser humano para o novo, para o que o Outro está nos provocando e que precisamos ter a sabedoria de assimilar e respeitar como saber diferente do nosso. A humildade é condição fundamental para o diálogo crítico da realidade e para nos desafiar na pesquisa, que requer a construção de algo novo ou do saber que ainda não temos.

3.2 A disposição para o diálogo: desponta como uma condição fundamental para ser professor pesquisador, pois só avançamos no conhecimento nos dias de hoje a partir das trocas intersubjetivas, do debate crítico com nossos pares e com os interlocutores que estão se relacionando no meio educacional onde marcamos nossa presença. Hoje, cada vez mais fica

evidenciado que o conhecimento crítico e mais atualizado é produção coletiva, que se processa através de trocas intersubjetivas entre pessoas interessadas em aprofundar seus próprios saberes a partir do diálogo com seus pares. Então, não tem sentido mais a transmissão passiva dos conhecimentos, assim como não é atitude sábia ficarmos apenas na pesquisa individual, egológica, na reflexão de gabinete. O mais sábio é cultivarmos o diálogo entre dos diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo. Nesse sentido o professor é também aluno, ou educando como diz Freire(1993), pois ao ensinar ele também aprende no diálogo.

3.3 *A curiosidade epistemológica*: é uma exigência que fundamenta a prática da pesquisa. Todo o ser humano é curioso por natureza, mas a curiosidade espontânea precisa ser estimulada para atingirmos a curiosidade crítica, como bem nos coloca Freire (2006). Ou seja, precisamos seguir a atitude metódica para atingirmos algum sucesso na pesquisa. Sem método nós ficamos no amadorismo e, portanto, não conseguimos avançar como seria esperado ou desejado. Até para cumprirmos nossa agenda como professores, precisamos nos organizar nos materiais, no tempos, etc. O método na pesquisa não é mais do que um planejamento, uma organização em nosso estudo e na busca de filtrar as informações e produzirmos uma síntese própria em relação a nossa temática de estudo, que pode ser a própria área de conhecimento em que atuamos como professores.

3.4 *Postura crítica* é uma exigência da pesquisa na forma de olhar para a realidade e fazer a leitura de mundo. Em primeiro lugar, na profissão docente é fundamental que o professor pesquisador faça a reflexão crítica sobre sua própria prática enquanto professor. Ou seja, o seu trabalho, sua atuação profissional, seu fazer educativo deve ser o tema já de sua reflexão crítica, pois assim ele terá melhores condições de qualificar sua prática. E, de modo mais amplo, a postura crítica é a superação da curiosidade ingênua pela rigorosidade crítica. Ou como nos alerta Freire (2006) é a partir da curiosidade crítica que passamos a olhar o mundo de outro modo, com rigor metódico e distanciamento em relação aos vícios fatalistas e/ou sectários da atitude ingênua.

Nessa busca de nos construirmos professores pesquisadores certamente teremos muitos desafios para alcançarmos um resultado mais próximo da realidade social e cultural em que estamos hoje inseridos, que se transforma em um ritmo cada vez mais acelerado e até estressante. Entretanto, não podemos ficar de braços cruzados, pois a educação precisa ser a vanguarda e não andar à reboque pelos demais setores da sociedade e, também, não podemos perder a esperança e a crença na nossa própria capacidade de transformar o contexto em que estamos inseridos.

Considerações finais

Nosso objetivo foi delinear algumas reflexões acerca da temática formação continuada do educador e, nessa perspectiva, os desafios da pesquisa para potencializar um processo sempre atualizado de atualização aos profissionais docentes. Pensamos que não é possível formar hoje o educador separado, ou distante da pesquisa. Quem educa precisa assumir com seriedade a cultura da pesquisa, pois é desta cultura que o educador bebe de fontes sempre renovadas para inspirar seus educandos de forma criativa e interessada e desenvolver todo seu potencial. A consciência política e ética exige dos educadores a compreensão que na sociedade do conhecimento, é um imperativo lutar pelo direito de estudar, pesquisar e qualificar a prática docente, como parte do desempenho profissional. Neste sentido, devemos lutar para garantir o direito de fazer cursos, participar de congressos, seminários e a consciência de que é necessário escrever, desenvolver a autoria. A renovação dos conhecimentos é a alma do fazer pedagógico. É preciso saber preservar a capacidade permanente de aprender com autonomia crítica e política.

Nessa perspectiva acima, faz parte da ética profissional do educador ser aprendiz ao longo de toda a vida, por que só quem pesquisa terá condições de oferecer um ensino de qualidade humana e social. Ou como bem coloca Freire (2006), só ensina quem é capaz de aprender o tempo todo e despertar nos educandos o prazer de construir conhecimento de modo autônomo. Formar o pesquisador é um desafio que toda Instituição de Ensino Superior deve buscar em todos seus cursos, pois a Universidade precisa ser a vanguarda na elaboração do conhecimento atualizado. E nas licenciaturas não pode ser diferente, pois o bom professor é aquele que pesquisa para ensinar algo mais atualizado possível para seus alunos. Ou seja, o bom professor é um profissional que, por ser pesquisador em seu fazer cotidiano, ensina seus educandos a construírem-se pesquisadores também. Professor, logo pesquisador em formação permanente. Sem essas dimensões o fazer pedagógico se esvazia e não atinge seus objetivos que é desenvolver a autonomia investigativa e o pensamento crítico comprometido com transformações sociais necessárias a construção de uma sociedade justa dentro de uma cultura de respeito aos direitos humanos. Mas para que esses ideais se efetivem na vida cotidiana dos professores é

fundamental a valorização do magistério através de incentivo a pesquisa, tempo de estudo e salários dignos com a profissão. As políticas públicas voltadas a educação devem priorizar a formação continuada dos professores o que passa necessariamente por planos de carreiras, formação continuada, tempos para o estudo e o desenvolvimento de uma cultura da pesquisa como a base de uma educação a altura da complexidade da sociedade em que estamos vivendo. Ser educador implica desenvolver o hábito da pesquisa e do estudo ao longo de toda vida. Só quem se coloca na perspectiva do aprender o tempo todo, através da pesquisa e do aprendizado atualizado, é capaz de criar ambientes de aprendizagens e desenvolver a cultura da pesquisa como identidade profissional para educadores e educandos.

Referências bibliográficas:

ALARCÃO, Isabel. *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. *Professores Reflexivos em Uma Escola Reflexiva*. São Paulo, Cortez, 2005.

ALBUQUERQUE, Targélia de Souza. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. In: Paulo Freire Vida e Obra. Ana Inês Souza (org.). São Paulo, Expressão Popular, 2001.

AROUCA, Lucila Schwantes. *Relação Ensino-Pesquisa: A formação do Pesquisador Em Educação*; In: Conhecimento, pesquisa e educação. Ivani Fazenda, Antônio Joaquim Severino (orgs). Campinas, SP: Papirus, 2001.

ASSMANN, Hugo e Sung, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. *Curiosidade e Prazer de Aprender. O papel da curiosidade na aprendizagem*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2004.

DEMO, Pedro. *Desafios Modernos Da Educação*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

_____. *Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Políticas de formação docente continuada: racionalidade e compromisso. IN; Sobre filosofia: racionalidade, diversidade e formação pedagógica / Ângelo Vitório Cenci, Cláudio Almir Dalbosco, Eldon Henrique Mühl (org.). Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 2006.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um Sonho, ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo, RS, Editora Feevale, 2003.

_____. Educação Integral no Brasil; inovações em processo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

SANTOS, Boaventura de S. *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (org). *A Formação do Educador como Pesquisador no Mercosul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

ⁱ Ethos se refere a cultura, núcleo cultural e vivência de um conjunto de hábitos que constituem-se de saberes que dão sentido ao fazer de determinada profissão, ou técnica de saber fazer bem aquilo que nos é proposto